



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12179 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

O PATRIMÔNIO ESCOLAR CATÓLICO E A MEMÓRIA DOS ANTIGOS ALUNOS: UM CAMINHO INVESTIGATIVO COM PAUL RICOEUR

Pedro Henrique Nascimento de Oliveira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

O PATRIMÔNIO ESCOLAR CATÓLICO E A MEMÓRIA DOS ANTIGOS ALUNOS: UM CAMINHO INVESTIGATIVO COM PAUL RICOEUR

Ao olharmos a cidade do Rio de Janeiro são notórias as marcas na paisagem pela Igreja Católica. Suntuosas igrejas, monumentais colégios e vultosos hospitais presentes no espaço da cidade traduzem o lugar que a Igreja ocupa há muitos anos com seus símbolos. Isso se deve, dentre muitos fatores, a uma onda migratória de congregações católicas durante o século XX para o Brasil no início da República (1889), em que pautadas nas orientações do Primeiro Concílio Plenário para a América Latina (1899), as congregações instalaram casas, hospitais e colégios nas cidades mais populosas e desenvolvidas do país (BITTENCOURT; LEONARDI, 2019).

Tomando dois desses colégios instalados pelas congregações, Colégio Santo Inácio (Companhia de Jesus, 1903) e Colégio Marista São José (Irmãos Maristas, 1902), como monumentos e lugares de memória (LE GOFF, 2003; NORA, 1993), buscando compreender as razões que levaram a perenidade desses colégios na cidade do Rio de Janeiro (LEONARDI *et al.*, 2021), desenvolvemos uma investigação sobre a construção do patrimônio imobiliário desses colégios, com o fito de analisar também o lugar que ocupam no espaço e no tempo da cidade, já que exercem a mesma função social educativa há mais de um século.

Reconhecendo que os edifícios desses colégios são traços culturais que atuam na construção de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1997), procuramos acessar as fontes relativas à aquisição do terreno, à construção dos prédios e à escolha do lugar da instalação visando observar as tensões que marcaram a definição do lugar socioespacial dessas escolas e

do catolicismo em nossa sociedade.

Entretanto, a pesquisa vem enfrentando uma série de dificuldades de acesso à documentação oficial dos imóveis dos colégios por conta da distância temporal, das mudanças dos locais e das formas de registro, e, da imprecisão da localização desses documentos em seus acervos por parte das congregações.

Nesse ínterim, buscando formas de acessar os acervos presentes no espaço físico dos colégios, assumindo a premissa de que a entrada nessas instituições privadas sem conhecimento prévia não costuma ser muito viável, entramos em contato com os colegas do programa de pós-graduação a fim de que alguém tivesse algum conhecido que nos garantisse um acesso mediado aos colégios. Até que uma colega indicou uma ex-aluna do Colégio Marista São José da década de 1960 que mantém contato estreito com o colégio por ser membro ativo da Associação de Antigos Alunos do Colégio Marista São José.

Uma conversa inicial com essa ex-aluna para combinar a forma de acesso ao acervo do colégio remodelou o caminho da pesquisa, sobretudo após ela afirmar que estaria disposta a colaborar com a pesquisa porque ama o colégio que completa 120 anos neste ano e que ela e os membros da Associação de Antigos Alunos deveriam ser entrevistados para a pesquisa porque são os “guardiões da memória do colégio”.

Levando-se em conta a importância da instituição dos “alunos antigos” no estabelecimento de um conjunto de redes interligadas entre os produtos de instituições comparáveis e de uma forte teia de estabilidade e continuidade entre as gerações de padrões comuns de comportamento e valores no contexto de configuração do status de classe média (HOBBSAWN, 2018, p.366). A partir da fala da ex-aluna resolvemos assumir a metodologia de entrevistas como estratégia de acessar o patrimônio do colégio por meio das memórias declaradas pelos antigos alunos. Visando assim, pensar novos caminhos de investigação e de acesso às fontes do colégio a partir dos dados fornecidos nas entrevistas.

Para esse novo momento da pesquisa em que entrevistaremos uma geração de ex-alunos do colégio, nos baseamos em Jean-François Sirinelli ao considerar geração “uma escala móvel do tempo, uma unidade de medida, escala estratigráfica operatória (...) também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula” (SIRINELLI, 2002). Partindo dessa noção de geração, contaremos com essa categoria como objeto e como instrumento de análise.

Nesse caminho investigativo de História com a memória dos ex-alunos do Colégio Marista, é preciso compreender a diferença entre elas, e para tanto, contamos com a “Fase Documental: a Memória Arquivada” de Paul Ricoeur, em que ele realiza um importante debate entre memória e história, apontando suas diferenciações e suas aproximações.

Partindo do pressuposto ricoueriano de que a memória remete à experiência e a história é uma leitura crítica do passado, pretendemos nos ancorar na operação proposta por

Ricoeur na fase documental para trabalhar com as entrevistas. Todo testemunho deve ser compreendido no espaço habitado e no tempo histórico, pois “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICOEUR, 2007, p.170).

O processo de prova documental passa necessariamente pela mudança de estatuto do testemunho falado ao de arquivo, visto que constitui a primeira mutação historiadora da memória viva (RICOEUR, 2007,p.179). Seguido a isso, devemos submeter essa memória arquivada a um processo de crítica documental, pois a produção de sentido sobre o passado não pode carecer de uma comprovação. A prova documental se constrói pela forma como a testemunha é inquirida, são as perguntas que o historiador faz ao documento que constroem o sentido de verdade sobre o passado. O historiador trabalha com uma elaboração do passado lastreada na narrativa das testemunhas que veiculam uma determinada memória, nesse sentido a relação entre memória e história é fundamental para a produção do conhecimento histórico, contudo é no questionamento que a memória se torna história.

A partir dessa fase da operação historiográfica, pretendemos com o auxílio de Paul Ricoeur produzir provas documentais por meio das perguntas que são capazes de tornar um testemunho em documento histórico, bem como encontrar por meio das entrevistas, “as zonas privilegiadas – rastros, indícios – que permitem decifrar a realidade opaca” (GINZBURG, 1989, p.177-178 apud RICOEUR, 2007, p.185), a fim de que somando os indícios e os testemunhos, se chegue nos documentos que viabilizem a investigação da construção dos patrimônios imobiliários dos colégios.

Enquanto isso, contamos com os “guardiões da memória” para nos fornecer o máximo de sua experiência com esse passado que eles “guardam”, a fim de que se possa exercer a fecundação recíproca entre memória e história, de modo que a memória seja para a história uma matriz, e, a história seja para a memória seu espírito crítico (RICOEUR, 2007).

Reconhecendo a memória enquanto fonte inescapável para a história porque nos possibilita um contato com a vivência de um passado mais próximo do que aconteceu, pretendemos por meio da criticidade da história, balizar as provas documentais provenientes dos testemunhos dos antigos alunos pelo confronto com outras fontes a fim de produzir um conhecimento histórico com envergadura sobre a perenidade dos colégios católicos no tempo e no espaço da cidade que contribua para os avanços da bibliografia da História da Educação.

Palavras-chave: Patrimônio, memória, colégios católicos, antigos alunos

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, A.; LEONARDI, P.. **L'éducation nationale au Brésil et les immigrants religieux européen**. *Psicologia Social*, 43(1), 2019, p.11–27.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T.. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

2018.

LEONARDI, P. *et al.* Patrimônio imobiliário das escolas católicas no Rio de Janeiro (RJ). In: Lima, A. *et al.* (orgs.). **Um mar de escolas: mergulhos na história da educação (1850-1980)**. Curitiba: Appris, 2021.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SIRINELLI, J. A geração. In: FERREIRA, M.; AMADO, J.(orgs.), **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.